

História que se confunde com a história do Brasil

por Eliane Cantanhêde
de Brasília

A história de Brasília confunde-se com a própria história contemporânea do Brasil. Inaugurada em 1960, no mesmo dia do aniversário da morte de Tiradentes, 21 de abril, a nova capital da República vem sendo desde então o cenário dos principais sobressaltos da vida nacional. Por ironia do destino e por força das injunções políticas, seu idealizador e executor, Juscelino Kubitschek, foi o último presidente civil e eleito por voto direto a concluir o mandato.

Depois de Juscelino, vieram a renúncia de Jânio Quadros em 25 de abril de 1961; os tensores meses do vice João Goulart na Presidência da República, até o golpe militar de 31 de março de 1964; vinte anos de autoritarismo, sob os símbolos do Ato Institucional número 5 (AI-5), da censura à imprensa e das prisões e exílios políticos. E da resistência, que também existia em Brasília.

A redemocratização começou ainda durante o regime militar. Sisudo nas atitudes, empertigado na postura, o general Ernesto Geisel assumiu seu mandato em março de 1974 sob a promessa de devolver o país ao estado de direito. Não foi simples. O país vinha de um maniqueísmo exacerbado, representado, de um lado, pelo slogan do "Brasil que vai pra frente" e, de outro, pela tortura que grassava nas masmorras do regime.

Geisel equilibrou-se entre esses dois extremos, ora cedendo aos "radicais, porém sinceros" das casernas, ora avançando na abertura política. Seu governo passou pelo fechamento do Congresso durante um mês, mas acabou com a tortura e chegou ao fim sob a certeza da tão esperada anistia.

O governo seguinte ao de

Geisel, do também general João Batista Figueiredo, ex-chefe do temido Serviço Nacional de Informações (SNI), propiciou a Brasília e ao país tanto a conclusão do processo que devolveu o poder político aos civis quanto cenas explícitas de um regime em via de extinção. Em 1984, por exemplo, enquanto São Paulo, Rio e todas as demais capitais reuniram milhões de pessoas nas ruas pedindo as "diretas, já", o comandante militar do Planalto, general Newton Cruz, chicoteava melancolicamente os carros que davam cor, som e vida ao movimento em Brasília.

As "diretas, já" não foram aprovadas pelo Congresso em 1984, mas propiciaram o clima político e a mobilização das ruas que foram fundamentais para a eleição de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral do ano seguinte.

O mineiríssimo Tancredo, de origem do PSD, reuniu os votos de oposição aos votos da dissidência governista — que se transformaria no atual PFL — e saiu-se vitorioso nas eleições contra Paulo Maluf, o candidato do regime à sucessão de Figueiredo.

Uma infecção generalizada, inicialmente diagnosticada como diverticulite, tirou de Tancredo a chance de ser o primeiro civil a exercer a Presidência da República desde 1964. Pelo destino e pela Constituição, primeiro coube a seu vice, José Sarney.

Sarney herdou uma equipe pautada na "Aliança Democrática" entre o PMDB e o PFL e escrita pelas mãos de Tancredo. Suas dificuldades, portanto, foram naturais. Mas conseguiu na Constituinte de 1988 duas vitórias importantes para seu governo — a manutenção do presidencialismo e cinco anos de mandato, em vez de quatro — e entregou o País à seu

sucessor, Fernando Collor de Mello, com 80% de inflação ao mês.

Collor entra para a história como o melhor candidato a eleições diretas que o país já viu, só comparável, talvez, ao peculiaríssimo Jânio Quadros de 1960. Mas com outro estilo: elegante, de boas maneiras, poliglota. Como Jânio, julgou que a popularidade dispensaria o apoio de partidos e de setores essenciais da sociedade brasileira, como o empresariado. Enganou-se. Quando se descobriu, pelas denúncias de seu próprio irmão caçula, Pedro Collor, que o tesoureiro de campanha, Paulo César Farias, o PC, era também tesoureiro de negociatas do governo, as denúncias transformaram-se numa bola de neve e o "impeachment" tornou-se inevitável.

O vice de Collor, ex-senador Itamar Franco, nascido na Bahia e feito político em Minas Gerais, foi a grande surpresa republicana: sem grandes pretensões, sem equipe, sem partido (desligara-se do PRN de Collor com as denúncias), uniu seu estilo popularmente simplório ao mais bem-sucedido plano de estabilização de uma economia sempre rebelde. Eis o resultado: inflação mensal de um dígito, sem repiques consideráveis, e ele é o único presidente a fazer seu sucessor.

Fernando Henrique Cardoso, que já vinha exercendo o papel de eminência parda do governo Itamar, chega ao poder numa situação diametralmente oposta de seu antecessor: testado pelo voto direto, cercado do apoio parlamentar dos maiores partidos do país (PSDB, PFL, PMDB, PFL, PTB, PP e PL), bem calçado numa economia promissora. Seu problema maior, por paradoxal que seja, é justamente o "excesso de expectativa".